



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

7014 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT12 - Currículo

ESCOLA ALIVE: PARA PENSAR (RE)EXISTÊNCIAS

Elisio José da Silva Filho - UFBA - Universidade Federal da Bahia

ESCOLA ALIVE: PARA PENSAR (RE)EXISTÊNCIAS

Xxxxxx Xxxx xx Xxxxx Xxxxx[1]

Introdução

Este texto tem um caráter mais ensaísta do que a proposição de um artigo científico, considerando tratar-se de impressões iniciais a um tema ainda em ebulição nas discussões acadêmicas sobre Formação e Exercício de Professores, Educação, Pesquisa e Currículo, emergidos e debatidos em diversos encontros online, *lives* e eventos que neste período migraram massivamente para plataformas digitais. Mantendo o espírito da pesquisa em curso configuro uma analogia entre Educação e Arte. As anotações expostas ao longo do texto estão em tratamento junto ao o Grupo de Pesquisa Xxxxxxxx xx Xxxxxxxx xx Xxxxxxxx – XXX, no Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Xxxxxxxx xx XXXX, iniciado em 02 de março e suspenso dez dias depois do seu início. O evento da pandemia suscitou um olhar outro na trajetória da pesquisa, implicou e fustigou a tratar o tema. Com bases teóricas ainda em construção, a metodologia assumida, provisoriamente, aqui é de observação e coleta de informações nos meios digitais em curso, contudo, mesmo sendo um ensaio inicial, não há abandono do rigor necessário ao tratamento que o tema exige. Sempre me utilizo da arte, não somente por ser o meu primeiro objeto de estudo, mas pelo fato de que sempre encontro novas perguntas quando me ponho diante da novidade da potência do trabalho artístico. Na intenção, sem rodeios, de escrever sobre educação em sua *existência*, *resistência* e *(re)existência*, não haveria melhor lugar do que a arte, e do quanto ao longo da sua história e existência, ela resistiu para reexistir e de como posso pensar a educação e pesquisa de forma similar. Começo com um exemplo simples: o surgimento da fotografia no início do século XIX e sua rápida evolução. Busco, assim, uma visão do contexto de aulas online, ou aulas virtuais, na perspectiva de um ambiente em transformação e que exige dos participantes uma nova, ou no mínimo outra, postura. Neste paralelo Arte/Escola as transformações pelas quais a pintura necessitou passar para *(re)existir* na história da arte provocam uma ressonância no momento atual, em que

a escola necessita passar, igualmente, por transformações e mudanças em suas concepções e até espaços físicos ou virtuais. Para tratamento do tema este texto exhibe três tópicos sendo o primeiro uma breve visão da analogia arte e educação, pintura e escola; no segundo uma discussão sobre a ferramenta eletrônica digital ser ou não compreendida como uma forma de escola e no terceiro um pensar sobre as contradições do real e o virtual.

Entre a Arte e a Escola

Uma pergunta inevitável era se a fotografia substituiria a pintura, já que era um processo mais rápido e capturava a imagem com mais detalhes. É importante lembrar que o conceito e função da pintura nos anos de 1800, não era unicamente artístico, menos ainda livre. Era mais documental e registrava, conforme a encomenda, os objetos, arquitetura ou membros da sociedade. As pinturas de instante, aquelas em que figuravam uma vitória na batalha, uma coroação ou uma morte eram pinturas narradas e em geral o artista nem mesmo esteve presente ao evento, por isso mesmo a fotografia despontava como um elemento de captura “mais real”, uma prova de verdade. Quando a questão é resistir para reexistir a pintura dá seus sinais. O período histórico que se inicia para arte depois da fotografia, inaugura um novo modo de pintar. (Re)existir em novos temas, novas cores, novas texturas para renovar e transformar a pintura. Estes elementos, entre outros, a colocaram novamente em evidência, uma forma de tornar à vida para a existência da pintura num momento em que parecia relegada ao esquecimento. Este (Re)existir vem, também, como um ensaio para uma ruptura maior que aconteceria no Modernismo.

Este exposto do parágrafo anterior é uma espécie de painel rápido, um recorte mínimo, apenas para exemplificar, ainda que superficialmente, como quatro séculos de pintura enfrentaram altos e baixos. Sem mencionar elementos externos, a arte sempre batalhou consigo mesma pela sua existência, mantendo sempre o seu caráter de reexistência fazendo ultrapassamentos.

Tomei por ponto a pintura, pela sua dimensão quantitativa na história da arte. Sem dúvida é o maior volume de produção seguida de perto pela música, outra fonte de arte em constante processo de reexistência. Mas não posso perder de vista o elemento em analogia que é parte da questão aqui posta: a Educação e sua existência, centrando no momento em que estamos vivenciando o fenômeno mundial da pandemia. A chance de pensarmos a educação a partir desse ponto é inédita. A contingência que nos tomou por completo, fez com que ficássemos soterrados pelas questões que se acumularam. Não se trata de questões que não quiséssemos resolver, mas nos faltou outro fôlego e todas elas vieram à tona neste momento. Contudo, isso traz para a educação a oportunidade de pensar e exercer sua (re)existência.

No mês de março fomos pegos em plena atividade acadêmica, na segunda semana após o início do semestre letivo. De imediato o grupo de pesquisa passou a se reunir por videoconferência, com os tropeços e andadas de quase todo mundo. Naquele primeiro momento não tínhamos dimensão de que este período se alongaria ao ponto em que estamos e seguíamos nossa agenda normalmente, discutindo os textos que estavam programados e mantendo as atividades rotineiras, até nos darmos conta de que não seria mais por um curto período. Computadores e

smartphones passaram a ser as ferramentas de encontros e as discussões sobre Escola se tornaram, quase, ponto central dos encontros seguintes. No final do mesmo mês as redes sociais, em especial o *whatsapp*, foram tomadas pelo meme “Isto não é uma Escola”, fortemente inspirado pela obra *A traição das imagens*[2], de René Magritte, como uma forma de resistência às primeiras alusões ao ensino em modelo remoto.

Pelo grupo da referida rede suscitaram os diversos posicionamentos dos participantes sobre os pró e contra de uma educação unicamente pela internet, o que fez pensar em como lutamos tanto pela inserção de computadores e internet nas escolas e no cotidiano dos estudantes e nesta nova configuração nos negamos a utilizar, justamente, no momento em que a situação nos oferece a possibilidade. Não desconsiderando qualquer colocação sobre desigualdades sociais e o abismo qualitativo apontado por especialistas como resultado no pós-pandemia, prefiro pensar no que ganhamos em desenvolver este exercício de (re)existência. Inez Carvalho[3], na *live* Currículo e formação em tempos de pandemia, realizada pela UNEB Santo Antônio de Jesus, destacou enfaticamente a preocupação com a negação inicial e massiva às aulas online e expõe as contradições quando formadores de professores se utilizam do próprio ambiente online para orientarem professores da Educação Básica a não fazerem uso da ferramenta. Entre as alegações manifestadas por muitos professores (não injustas) aparecem mais as condições gerais do fornecimento de rede de internet e menos o próprio despreparo e vontade em atuar nesta (não tão) nova configuração, inclusive por professores que fizeram suas formações em plataformas EaD. E neste interim, um dos participantes ouvintes da *live* questionou: *tem internet para fazer as lives mas não tem para dar aulas online?* (sic).

Isto não pode ser uma escola

Na semana em que aconteceria o último encontro do componente de Currículo na especialização em que leciono (quem me conhece sabe que recuso usar a terminologia *disciplina*), fomos surpreendidos pelo avanço da covid-19 e a consequente suspensão das atividades presenciais, o mesmo se deu em escala global. Com antecipações ou atrasos, o fato é que fomos tomados pela contingência. Semanas depois, e estabelecida a incapacidade de retorno às atividades, acompanhamos a movimentação de alguns Estados e Municípios na tentativa de encontrar alguma forma de continuidade dos estudos, tomou-se, assim, a educação à distância como a forma de ensino por excelência. Mas, veja bem, é tudo uma questão de forma e conteúdo e não de currículo e menos ainda de formação.

Sigo nesta afirmação para tratar os pensamentos que emergiram e me tem sobressaltado nesta quarenta. Tecnicamente o período de quarentena, como o próprio nome sugere, terminou faz muito tempo. Mas perceptivelmente estamos um tanto longe desse fim, e não precisa de muita análise das informações para constatarmos a dimensão do problema. Sendo assim, vamos pensar, por hora, em forma e conteúdo. Li e ouvi diversos relatos pelo *whatsapp* e algo comum em grande parte deles era o incômodo que as aulas à distância provocaram em um considerável número de professores, e se tratarmos com mais especificidade da rede federal, leia-se Universidades e Institutos, o ponto de resistência mostrou-se de imediato. Por parte dos pais dos quais recebi algum tipo de meme, texto ou vídeo

estava claro o desconforto – amplia-se para aqueles cujos os filhos estão matriculados em escolas particulares – com a ausência de escola. Já para os estudantes... Alegria maior não poderia existir!

A ausência de escola é uma questão de forma. O espaço escolar, sua distribuição, formato, modo de usar, não se alteraram desde, praticamente, o seu surgimento. Faz lembrar quando alguma criança, que por não ter uma percepção ainda clara da dinâmica de tempo, pergunta num final de semana ou feriado: “não tem escola hoje?”. Nas circunstâncias em que nos encontramos é necessário dizer à criança que mesmo sem sair de casa ela tem escola hoje.

O meme circulante pelo *whatsapp* que trazia uma versão da famosa pintura de Magritte, substituindo a figura do cachimbo por um notebook, na escrita de rodapé afirma: “*ceci n’est pas une école*” (isto não é uma escola), mas a analogia a obra de Magritte revelou a traição do meme e a traição da forma. Sim, isto pode ser escola. E não é uma questão de opositar: o *é ou não é*; mas sim de vislumbrar, na indecidibilidade, o pode ser. Certamente muitas coisas o notebook já é: a empresa, o banco, aliás não só ele, o smartphone também exerce seu papel, e talvez, com mais vantagens técnico utilitárias do que o notebook. Seja um ou outro aparelho, a forma é questão e vale uma digressão para a arte. O Modernismo, foi o movimento de vanguarda que mais sacudiu as estruturas culturais e o fez através da arte, modificou as categorias artísticas e para além disso, modificou a forma. Pensando nisso, seria *antimoderno* não vislumbrarmos as mudanças da forma e como elas acontecem. Não se trata da conversão do computador em escola, mas de percebermos a potência do computador como uma escola e do quanto a dimensão desse objeto/presença é irreversível.

Para além da pandemia não será mais possível pensar a Formação de Professores, o Currículo e a Escola destituídos da realidade online. A perspectiva não é apenas do conceito de ensino híbrido, como tenho visto ventilando pelas *lives*, mas sim, de manutenção de parte das atividades através de, e intencionalmente pelos, recursos digitais. A nova prática necessitará ser vista e executada como uma construção conjunta, com uma metodologia com efetiva participação do estudante, não apenas por ser este a quem se destinam as iniciativas de produção de ensino, mas por ser, em excelência o sujeito que está imerso num mundo digital. Mundo este, muitas vezes desconhecido pelos próprios professores.

Isto (não) é muito virtual

Nesta mesma linha e com aulas à distância acontecendo para alguns, a palavra virtual ganhou força, e em questão de semanas tornou-se a *palavraviral*, necessária e aplicada a simplesmente tudo o que se pode fazer de casa e cujo o único meio de comunicação com o mundo exterior se dá por um dispositivo, smartphone ou computador mediado pela internet. Costumo falar uma frase brincalhona sobre o quanto preciso da internet e que sem ela não consigo fazer nada, nem varrer a casa. Etimologicamente, virtual não é uma palavra nova, o termo é do latim e advém de *Virtus*: virtude, força, potência. Os dicionários que consultei trazem vários significados, mas três deles se mantêm em todos: (1) Existe apenas em potência ou como faculdade, sem efeito real; (2) que pode vir a ser, existir, acontecer ou praticar-se, possível, factível. (3) suscetível de ser ou posto em exercício, em função. Uma não coincidente, em especial, me chamou atenção: “que

constitui uma simulação criada por meio eletrônico”. Contudo, nada do que tenho visto acontecer atualmente me parece assim tão virtual. Pensemos...

O grupo de pesquisa se reúne, virtualmente, dizem, todas as quintas-feiras, cada um em sua casa obedecendo o isolamento, pelo menos nesta hora. Computadores são ligados, câmeras e microfones colocados e ação e tal reunião virtual acontece. Será mesmo? Para mim acontece uma reunião e não a simulação de uma reunião criada num ambiente eletrônico. Mantendo este pensamento, a aula também não é virtual, não é uma simulação de aula. O sentido de virtualidade para mim sempre foi o de simulação, mas agora compreendo que ele comporta o termo. A primeira vez que li Pierre Levy (1996), gostei da ideia de pensar que em mim existe virtualmente uma pessoa idosa, que na semente, existe uma árvore. Essa é a potência do *Virtus*, que frustra, parcialmente, o conceito do sem efeito real, já que eu posso ficar realmente velho e a semente pode vir a se tornar a árvore.

O outro lado dessa imagem é o fetiche da presença. A ideia limitada de que a aula somente se configura pela presença física. Nos documentos que sustentam a legalidade vigente na instituição em que leciono o ato da aula é definido como atividade que “envolva a presença de docentes e de estudantes, exigindo controle de frequência”, mas não se pode pensar em ausência mesmo em se tratando de um espaço não convencional de aula, da mesma forma que não se pode pensar a presença plena quando se trata de um ambiente físico.

Escola (não aula) será, certamente, a última das atividades presenciais a acontecer nos processos de retomada. Em *live* recente pelo YouTube, o pesquisador da Fundação Getúlio Vargas, Eduardo Massad (2020) apontava que a expectativa de retorno das aulas presenciais poderia representar uma nova onda contaminação, que só na cidade de São Paulo atingiria de maneira fatal 17 mil estudantes. Isto é a população inteira da cidade em que está situado o campus em que sou professor. Outro agravante está no fato de que leciono artes, que são aulas sempre com movimento, muita interação, andanças pela sala e pelo ambiente da escola, não é uma aula que sugere uma presença mais estática como pode ocorrer em outros componentes de ensino. Imagine uma aula de Educação Física unicamente teórica, sem a experimentação do corpo, sem o contato do jogo? Até os esportes individuais tem um sentido de agrupamento, mesmo o artista de atelier tem uma solicitação congregacional. Aula, só tem sentido no coletivo, é um ato social.

Penso a escola como espaço de socialização, muito mais do que como espaço de aprendizagem, como se quer tanto insistir. Um estudante não aprende somente porque o professor ensina. O estudante aprende porque ele põe o seu conhecimento em confronto com o do colega, porque estabelecem conversações que suscitam dúvidas e estas dúvidas geram a discussão que se amplia em sala de aula presencial ou não, e socializadas com professores. Aprendemos no coletivo, aprendemos ouvindo os pares debaterem, demonstrarem, sugerirem enquanto conversamos uma tarde inteira nos encontros do grupo de pesquisa e tudo isso não precisa se dar, necessariamente, num encontro de corpo presente. Aprendemos nas sugestões de leituras, filmes, músicas, artigos científicos e jornalísticos, quando sugerimos um desenho animado (acho que só eu os assisto) e aprendo porque é um aprendizado coletivo. Do mesmo modo o currículo, como um evento aberto (PINAR, 2004), deve ser uma construção coletiva, nunca individual ou unilateral.

Conclusão

No exercício da pesquisa e produção do conhecimento em educação, pensando ainda na provisoriedade, no não essencialismo e não finalismo, é importante pensar no tempo presente e seu cenário atípico de modo a não “conservar formatações e territorialidades[4]”. O currículo precisa ser, mais do que nunca, visto como evento aberto, de fluxo contínuo (PINAR, 2004), porque independentemente da forma da aula o que entendemos agora é que não se pode ficar preso a um modelo único. Se não avançarmos neste debate incorreremos no risco grave de deixar a Formação de Professores e estudantes, a Escola e o Currículo como uma conversa interrompida, retornando ao que éramos antes da pandemia. A escola não pode mais se furtar a existência de aulas e atividades online no acontecer curricular, mesmo compreendendo a importância do presencial e do coletivo social, ainda que cientes da necessidade do momento pelo distanciamento imposto pela emergência sanitária da pandemia. Outro fator relevante é o olhar sobre as desigualdades que estão no foco de discussões e exigem providências, imediatas inclusive. Sob o risco de ampliar tais desigualdades em níveis mais graves e difícil equalização. Vale destacar uma contribuição das artes para pensar em educação e (re)existência tendo como perspectiva que o período em que vivemos. A arte se reinventou de maneiras curiosas, com performances nas janelas e varandas, com apropriações de pinturas clássicas convertidas em telas vivas, músicas e apresentações simultâneas inundaram as redes sociais, porque a escola não?

Palavras-chave: Currículo, Escola, Virtual, (Re)existência.

REFERÊNCIAS

LÉVY, Pierre. O que é virtual? Trad. Paulo Neves. São Paulo, Ed. 34, 1996.

MASSAD, Eduardo. QUATRO MESES DE PANDEMIA DA COVID-19 NO BRASIL: balanço e perspectivas para o futuro. Webinar FAPESB e Instituto Butantan. 2020. Disponível em: . Acesso em: 14 jul. 2020.

PINAR, W. What is curriculum theory? New York: Routledge, 2004.

[1] Doutorando do Programa de Pós-Graduação xx XXXXXXX XXXX/XXXX; Professor XXXX do XXXXXXXX XXXXXXX XXXXXX (XX XXXXX). XXXXXX.XXXXX@XXXXXXXXX.edu.br.

[2] Obra do pintor surrealista René Magritte, do ano de 1929, pertencente ao acervo do Museu de Arte do Condado de Los Angeles. Califórnia – EUA.

[3] Inez Carvalho, no encontro online Currículo e formação em tempos de pandemia, realizado pela UNEB Santo Antônio de Jesus – Campus V, em 21/08/2020.

[4] Inez Carvalho e Xxxxxx Xxxxx, *Isto pode ser escola - rabiscos*. Texto ensaístico de 13/04/2020, não publicado, utilizado para estudos no Grupo de Pesquisa XXX/XXXXX/XXXX.